

A espessura da guerra *

Este artigo foi publicado dois dias depois de se ter abatido sobre o Iraque a “Tempestade no Deserto”. Provavelmente quando o comecei a escrever, uns dias antes, ainda subsistiria alguma dúvida sobre a irrupção da guerra. Seja como for, a inevitabilidade da solução militar já era uma evidência, mesmo se negociações de última hora tentavam o recuo iraquiano da ocupação do Kuwait, que Saddam Hussein havia ordenado a 2 de Agosto de 1990.

Essa primeira guerra do Golfo foi vivida com angústia e incerteza. Angústia pelo simples facto da utilização de um poderio de extrema violência nas relações entre Estados. Incerteza porque se hesitava entre a legitimação de um acto que visava repor a legalidade internacional e a necessária tentativa de testar a eficácia de soluções não violentas, além do risco do início de hostilidades no barril de pólvora do Médio Oriente.

Invadido por esses sentimentos, escrevi um texto algo intemporal, onde não se fala de americanos nem de iraquianos, de mandato da ONU nem de coligação internacional. É um texto quase filosófico, centrado numa frase: “quando a humanidade tem consciência de si como um todo, qualquer guerra é uma guerra civil”. Mais do que análise política, trata-se de uma reflexão sobre a densidade humana da guerra nos nossos tempos.

Na sua história milenar, as sociedades humanas habituaram-se não só a conviver com a guerra como a glorificá-la. Fenómeno universal, dir-se-ia inerente à natureza. Afirmção de poderio colectivo, torna-se motivo de orgulho. Vistosos uniformes de guerreiros, paradas militares, arcos de triunfo, relatos de bravura, dão às guerras o ar festivo onde as comunidades se revêem no melhor de si próprias. Mais que trágico, o bélico é épico. Contamos o passado pontuado por batalhas e os nossos heróis são os conquistadores.

As espécies animais também lutam, é certo, dentro de si. Combatem pelo território para se implantarem, pela fêmea para acasalarem, pela presa para sobreviverem. Mas não se matam e os derrotados, submissos, afastam-se. A espécie humana, pelo contrário, tem essa prerrogativa de exterminar os semelhantes, levando o combate às últimas consequências do sacrificio sangrento e da liquidação. A vitória é inebriante e exprime-se ritualmente no saque das riquezas e na violação das mulheres, como se na guerra se misturassem os instintos mais prementes e rudimentares, a ambição da pilhagem e a sofreguidão sexual.

As guerras modernas, ao civilizarem-se, perdem em orgasmo o que ganham em racionalidade. Os exércitos regulares controlam os excessos instintivos, não saqueiam nem violam, comportam-se como delegados dos gestores de negócios. A actividade guerreira tornou-se calculista, tecnicizou-se, fez-se objecto de estudo científico, de análise com frieza.

* Artigo publicado no jornal PÚBLICO, em 18 de Janeiro de 1991.

Inconfessadamente, alguns têm a guerra por desejável. Considerações militaristas tornam-na aliciante, pois as armas fizeram-se para serem usadas e já é tempo de as testar ao vivo, após tantos ensaios em simuladores computadorizados. Considerações geoestratégicas recomendam-na, em nome de "equilíbrios" internacionais, para que não se subverta a hierarquia das potências. Considerações económicas aconselham-na, pois o empreendimento é factor de reanimação de economias em crise, pela mobilização de recursos, o dirigismo estatal, o incentivo tecnológico e a dinamização da indústria.

Na incerteza, outros temem-na, seja pelos duvidosos resultados militares face à complexa correlação de forças, seja pelo risco de recessão que pode virtualmente afectar taxas de crescimento nas áreas da prosperidade. Entre os que temem a guerra há os que militantemente a combatem, desde os que prenunciam catástrofes ecológicas, até aos humanistas para quem nada compensa o sacrificio de vidas humanas. A estes pode sempre ripostar-se que há valores acima da vida, merecedores que por eles se morra. Qualquer que seja o peso da argumentação, resta o paradoxo de estarmos perante um mesmo ser que põe o melhor da sua inteligência e de meios sofisticados para dar vida a um bebé-proveta e que programa, com alguma insensibilidade, a morte de milhares ou milhões de semelhantes.

No teatro de operações, há os que se dispõem a matar alegremente como mártires de causa sagrada e há os que se dispõem a matar disciplinadamente por uns poços de petróleo. Na contabilização dos efectivos e na previsão das baixas, na dúvida quanto a ser ou não ser uma guerra-relâmpago, eles reduzem-se a peças de engrenagem. Por detrás das suas máscaras de gás ou dos seus escafandros anti-radiações, sabem que podem ser vítimas das suas próprias armas e aí reside a mais inquietante novidade.

Porque a fisionomia da guerra mudou substancialmente e não é seguro que em todos haja consciência dessa transformação. No nosso século, por duas vezes ela se mundializou, o que já de si basta para mostrar que o fenómeno passou por alteração qualitativa. Em 14-18, os milhões de baixas provieram sobretudo dos exércitos no terreno e as trincheiras ainda marcavam frentes reconhecíveis. Em 39-45, já foram as populações civis a contribuírem em maior número para a contabilidade dos mortos. As retaguardas são tão vulneráveis como as linhas avançadas e o campo de batalha está em toda a parte.

Neste mesmo século, fomos surpreendidos pela existência do impensável. Depois de Auschwitz o homem não é o mesmo que dantes, porque ficámos a saber que era possível organizar industrialmente a morte de multidões. Depois das purgas e das valas comuns, conhecemos crimes excessivos de poderes ilimitados. Desde o calor dos fornos crematórios até ao frio das deportações para a Sibéria, foram-nos reveladas técnicas de chacina em massa de indesejáveis e opositores.

De entre os quatro elementos dos antigos, a terra e a água eram os lugares tradicionais da guerra, ora terrestre ora naval. Agora acrescentaram-se o ar e o fogo e já não há elemento que escape à fúria destruidora. Descobriu-se que,

desintegrando partículas ínfimas, se desencadeavam energias poderosas e aprenderam mesmo a dizimar os habitantes das cidades deixando intactos os edifícios. O fogo caído do ar produz cogumelos gigantes, mas também pode infiltrar insidiosamente micróbios assassinos ou gases letais.

Quanto maior é o número das vítimas potenciais, menor é o número dos que decidem da sua sorte. Teoricamente, em caso limite, bastaria o gesto de um só indivíduo, o que carrega no botão, para que tudo ficasse jogado. A própria natureza da guerra moderna, electrónica e telecomandada, gera esta outra contradição que permite serem cada vez menos os opressores e cada vez mais os sacrificados. Mercê de reacções em cadeia, o processo é dificilmente controlável, perdendo-se garantias de auto-regulação. Ninguém está em condições de assegurar que uma guerra é limitada no tempo e no espaço, podendo sempre extravasar para além do previsível.

Tanto mais que os arsenais cresceram desmesuradamente. As armas de extermínio maciço, ao multiplicarem-se muito para além dos objectivos de dissuasão, encerram uma perigosidade que leva à globalização da ameaça. As previsões científicas acerca do Inverno nuclear confirmam o pressentimento de que o teatro de operações é agora planetário e que provavelmente ninguém está ao abrigo da conflagração. A virtual ausência de sobreviventes obriga a rever tudo desde o princípio.

Quando a humanidade tem consciência de si como um todo, qualquer guerra é uma guerra civil. Quando a humanidade tem consciência de que uma guerra pode assinalar o acto terminal generalizado, altera-se profundamente a percepção que o homem tem de si mesmo. A história pode acabar, não por cataclismo natural nem por vontade divina que decreta o fim dos tempos, mas por iniciativa humana. A guerra adquire então uma espessura, digamos, metafísica. Essa estranha superioridade da nossa espécie, que é a de poder auto liquidar-se, confronta-nos com a interrogação filosófica acerca do sentido do que somos e do que fazemos, de onde vimos e para onde vamos.

Por isso, mesmo não tendo eficácia, não é inútil o clamor do pacifismo. Ele tem o mérito de advertir que a justificação do mal menor pode incorrer em risco demasiado.